

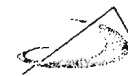
SANTO AGOSTINHO

# A DOCTRINA CRISTÃ

Manual de exegese e formação cristã

Coleção **PATRÍSTICA**

1. *Padres Apostólicos*, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué
2. *Padres Apologistas*, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmiás
3. *Apologias e Diálogo com Trifão*, Justino de Roma
4. *Contra as heresias*, Ireneu de Lião
5. *Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência*, Ambrósio de Milão
6. *Sermões*, Leão Magno
7. *A Trindade*, S. Agostinho
8. *O livre-arbítrio*, S. Agostinho
- 9/1. *Comentário aos Salmos (Salmos 1-50)*, S. Agostinho
- 9/2. *Comentário aos Salmos (Salmos 51-100)*, S. Agostinho
- 9/3. *Comentário aos Salmos (Salmos 101-150)*, S. Agostinho
10. *Confissões*, S. Agostinho
11. *Soliloquios – A vida feliz*, S. Agostinho
12. *A Graça (I)*, Santo Agostinho
13. *A Graça (II)*, Santo Agostinho
14. *Homília sobre Lucas 12 – Homílias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo*, Basílio de Cesaréia
15. *História eclesiástica*, Eusébio de Cesaréia
16. *Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana*, S. Agostinho
17. *A doutrina cristã*, S. Agostinho
18. *Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador – Apologia de sua fuga*, S. Atanásio
19. *A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos*, S. Agostinho



PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430.  
A doutrina cristã : manual de exegese e formação cristã / santo  
Agostinho — São Paulo : Paulus, 2002. — (Patrística; 17)

ISBN 85-349-1714-0

I. Bíblia — Hermenêutica 2. Teologia dogmática  
1. Oliveira, Nair de Assis. II. Frangiotti, Roque.  
III. Título IV. Série.

02-2070

CDD-230

Índices para catálogo sistemático:  
I. Doutrina cristã : Religião 230

Título original  
*De doctrina christiana*

Tradução do original latino, cotejada com versões em francês  
e espanhol e introdução  
*Ir. Nair de Assis Oliveira, csa*

Adaptação de notas e índices e organização  
*Ir. Nair de Assis Oliveira, csa*  
*Roque Frangiotti*

Capa  
Visa

Revisão  
*Paulo Bazaglia*  
*Honório Dalbosco*

Editoração eletrônica  
PAULUS, em *New Century* 11pts.

Papel  
*Offset* 75g/m<sup>2</sup>

Impressão e acabamento  
PAULUS

© PAULUS – 2002  
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)  
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5084-3066  
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 85-349-1714-0

## APRESENTAÇÃO

*Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos e suas obras conhecidos, tradicionalmente, como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrésiennes”, hoje com mais de 400 títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.*

*No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. Paulus Editora procura, agora, preencher este vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, reli-*

giosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzidos e preparados, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém, séria.

Cada autor e cada obra terão uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos, devem-se ao fato que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos *patrologia*, *patrística* e *padres ou pais da Igreja*. O termo *patrologia* designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga incluindo também obras de escritores leigos. Por *patrística* se entende o estu-

do da doutrina, as origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico e pela evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão "teologia patrística" para indicar a doutrina dos padres da Igreja distinguindo-a da "teologia bíblica", da "teologia escolástica", da "teologia simbólica" e da "teologia especulativa". Finalmente, "Padre ou Pai da Igreja" se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambigüidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como "Pai da Igreja" quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas, os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a antiguidade se estende um pouco mais até a morte de S. João Damasceno (675-749).

Os "Pais da Igreja" são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes, e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto:

*“Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim, arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner; A. Stuiber, Patrologia, S. Paulo, Paulus, 1988, pp. 21-22).*

A Editora

*“De tudo o que foi dito, esta é a suma: que se entenda ser a plenitude e o fim da Lei, como de toda a Escritura divina, o amor àquela Coisa que será o nosso gozo, e o amor dos que podem partilhar conosco daquela fruição”*

*(I,35,39).*

*“Ser orante, antes de ser orador”*

*(IV, 15,32).*

## INTRODUÇÃO

### a. *Dados e ocasião da obra*

Santo Agostinho começou a escrever o *De doctrina christiana* no início de seu episcopado, em 397. Redigiu então os três primeiros livros, mas só veio a terminar a obra em 426 ou 427, anexando mais 13 capítulos ao terceiro livro e compondo todo o quarto. Temos assim uma obra que levou trinta anos para ser completada! Ao se dedicar à revisão de seus escritos, no fim da vida, constatando essa obra inacabada, quis terminá-la. Diz-nos textualmente, nas *Retractationes*:

“Tendo encontrado inacabados os livros de *De doctrina christiana*, eu preferi findá-los a deixá-los assim e continuar a rever as outras obras. Completei, pois, o terceiro livro que havia escrito até a passagem onde é lembrado o que diz o evangelho a respeito da mulher que mistura o fermento em três medidas de farinha até que tudo fermente (III,25,35). Anexeí também um último livro e terminei esta obra em quatro livros. Os três primeiros ajudam a compreender as Escrituras e o quarto indica como é preciso exprimir o que foi entendido” (*Retract.* II,4,1).

A conclusão da obra deve ter sido feita no fim do ano 426 ou no início de 427, porque em IV,24,50 o autor faz alusão a um sermão que pregara havia mais de oito anos, em Cesaréia da Mauritânia. E sabemos, por outras fontes, que isso se dera em 418. Ao retornar à obra após tão

longa interrupção, não parece provável que a tenha remanejado. Limitou-se a completá-la, como ele mesmo o indica. O que não impediu a divulgação do livro incompleto. Em *Contra Faustum*, escrito em 400, encontramos alusão a passagem de *A doutrina cristã* (II,40,60), a que fala dos egípcios despojados pelos hebreus por ordem de Deus (C. *Faustum* 22,91). Portanto, a obra já era de domínio público.

#### b. Apreciações de alguns agostinólogos

E. Portalié, em seu famoso artigo sobre santo Agostinho no *Dicionário de teologia católica*,<sup>1</sup> afirma que o *De doctrina christiana* é verdadeiro tratado de exegese. “O mais útil monumento histórico para conhecer o caráter da exegese daquela época.”

Outros estudiosos, porém, afirmam com vigor que não se trata apenas de tratado de exegese ou hermenêutica, destinado exclusivamente ao clero. É obra de finalidade essencialmente didática e pastoral, dirigida a todos os cristãos cultos. Visa a proporcionar-lhes o conteúdo e os métodos de boa formação com base bíblica.

Gustave Bardy<sup>2</sup> mostra como o argumento central é a apresentação de um conjunto de regras que ajudam a entender as Sagradas Escrituras. Constitui verdadeira introdução aos livros inspirados, seguida de métodos de pregação cristã. Revela-nos as preocupações pastorais de Agostinho como bispo. Não lhe foram suficientes os trabalhos exegéticos de ordem teórica. Logo em seus primeiros anos à frente da igreja de Hipona, esforçou-se por

<sup>1</sup>E. Portalié, “Saint Augustin”, in *Dictionnaire de théologie catholique*, Tomo I,2, Paris, 1931, col. 2300.

<sup>2</sup>G. Bardy, *Saint Augustin, l'homme et l'oeuvre*, Paris, 1946, p. 310.

publicar dois valiosos manuais de formação: o *De catechizandis rudibus*<sup>3</sup> e o *De doctrina christiana*. Por qual motivo ele parou bruscamente após ter redigido a primeira parte, só vindo a finalizar a obra bem mais tarde, é difícil de ser explicado. Em todo caso, *A doutrina cristã* ocupa lugar muito significativo na história de santo Agostinho — na sua vida como na evolução de seu espírito — para não a estudarmos com o mais vivo interesse.

Esse mesmo agostinólogo afirma alhures: “Damos hoje a esta obra grande importância. É verdadeiro tratado de retórica cristã. Os três primeiros livros são consagrados à preparação básica do orador, isto é, à sua formação e ao estudo da Escritura Sagrada. O quarto trata da eloquência propriamente dita e dá a esse respeito os mais sábios conselhos”.<sup>4</sup>

Por sua vez, o Pe. Victorino Capánaga, ORSA, na *Introducción general* às Obras de Santo Agostinho, publicadas pela Biblioteca de Autores Cristianos (BAC),<sup>5</sup> escreve com entusiasmo sobre o *De doctrina christiana*. Intitula-o: “Um manual de formação cultural cristã”, e discorre sobre a grande influência que veio a exercer na história da cultura eclesiástica. Ali são dadas regras de investigação religiosa para decifrar o pensamento divino. Além da observância de normas morais para aquisição das boas disposições do coração, o aspirante à cultura cristã deve utilizar subsídios científicos para chegar à interpretação correta dos livros santos. No último livro, encontram-se os melhores preceitos da oratória antiga, cristianizados.

<sup>3</sup>Tradução em português: *A instrução dos catecúmenos*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1984.

<sup>4</sup>G. Bardy, “Introduction aux Révisions”, in *Bibliothèque Augustinienne*, vol. 12, Desclée de Brouwer, Paris, 1951, p. 237.

<sup>5</sup>V. Capánaga, *op. cit.*, BACI, p. 144.

c. *Visão sintética de cada livro*

Consta *A doutrina cristã* de um prólogo e quatro livros.

No *Prólogo*, Agostinho refuta com antecedência as objeções de supostos exegetas que sistematicamente mostram-se refratários às regras que ele pretende propor.

O *livro I* é introdução de ordem dogmática e moral para servir de base a todo o desenvolvimento ulterior, de ordem técnica.

Todo conhecimento, explica santo Agostinho, estende-se sobre as coisas ou sobre os sinais (*de rebus aut de signis*). Há, pois, que fazer distinção entre o conhecimento das coisas (*doctrina rerum*) e o conhecimento dos sinais (*doctrina signorum*) (2,2). A doutrina cristã busca em primeiro lugar conhecer o real — as coisas (*res*). A elas, o homem é movido por duas tendências: o desejo de fruir, isto é, gozar ou deleitar-se delas; e o desejo de se servir, utilizar-se delas (*frui aut uti*) (4,4). Todo este primeiro livro é dedicado ao estudo das coisas, isto é, das realidades a serem descobertas. Entre elas, a suprema coisa — se assim pode ser chamada — é Deus Trindade. Dele só se há de fruir por ele mesmo (*Summa res quae fruendam est propter seipsam*) (5,5 e 22,20). Das outras coisas, a mais excelente é o homem. De tudo o que não é Deus se há de utilizar para chegar até ele, nosso termo final e meta de nosso gozo. Agostinho estuda Deus como ser inefável, vida e sabedoria, imutável e eterno, centro de amor de toda criatura racional (5-10). Mas para chegar a Deus, o homem tem de purificar seu espírito e necessita de um caminho. Este caminho é Jesus Cristo: *Prima ad Deum via Christus* (11-15). Por ele, se há de caminhar sem se deter nas coisas precedoras. Eis, em esquema, as verdades dogmáticas apresentadas: Deus, a Trindade, a encarnação, a ressurreição, a Igreja, a ressurreição dos corpos, o inferno, o céu, os anjos (5-21). Se-

guem as verdades morais: a fé, a esperança, a caridade (22-34). No final, dão-se os princípios básicos da exegese: o reconhecimento do lugar primordial do amor a Deus e aos irmãos (35-40). Santo Agostinho assim sintetiza todo este tratado *de rebus*: a plenitude e o fim da Lei e de todas as Escrituras é o amor da “Coisa”, de quem havemos de gozar e da outra “coisa” — nosso semelhante — que é capaz de gozar de Deus conosco. O reino do amor é a chave do anseio e do repouso do coração humano (35,39).

*Livro II* — Só o livro sagrado é digno de ocupar o espírito do cristão verdadeiro, já que contém tudo o de que necessita para atingir seu fim. A Escritura é toda um conjunto de sinais escritos, isto é, de palavras. É sobre esses sinais (*de signis*) que versa este segundo livro. As palavras, todas de instituição humana, encontram-se diversificadas em várias línguas. Daí a conveniência de conhecermos os signos e as línguas para chegarmos a esclarecer o sentido dos livros inspirados. Para o conhecimento desse sentido, há certas disposições morais necessárias. São as virtudes obtidas pelos dons do Espírito Santo (7,9-11). Esta passagem é, certamente, das mais belas da obra. Quanto à formação cultural, o discípulo começará por seguir as lições de gramática a fim de se capacitar a ler o texto da Bíblia. Estudará os tropos ou figuras de pensamento, para saber interpretar as palavras e expressões de sentido figurado. Como o texto latino da Bíblia é tradução, será conveniente conhecer o grego, língua original do Novo Testamento (11,16). Deve-se acrescentar à gramática outras ciências: a história, a geografia, a história natural, a astronomia — que é preciso não confundir com a astrologia — pois esta relaciona-se com as magias e superstições, como, por exemplo, os horóscopos (21,32-37). São ainda recomendadas: as artes mecânicas, a dialética,

as matemáticas que farão conhecer o significado simbólico dos números, e a música. O ciclo termina com a dialética e a retórica. O exegeta é assim convidado a possuir uns laivos das mais variadas ciências de seu tempo. O programa é amplo, mas todo subordinado ao entendimento da Bíblia. A lista do Cânon completo das Escrituras é apresentada insistindo-se no critério de sua autenticidade (8,12.13). Agostinho trata também das distintas versões da Bíblia: a tradução latina Ítala e a grega dos Setenta, a qual considera altamente autorizada (15,22). Como perseguidor da verdade que sempre foi, o bispo de Hipona recomenda que tudo o que for achado de certo nos autores pagãos seja incorporado ao acervo da nossa Verdade, como coisa que nos pertence (40,60.61). Termina o livro mostrando a grande diferença existente entre os Livros santos e os profanos e a imensa superioridade dos primeiros (42,63).

*O livro III* dá-nos as regras da interpretação. Visa a ensinar-nos a resolver as ambigüidades da Escritura. De início, aquelas que se encontram nos textos tomados em sentido próprio (2-4). Em seguida — as mais complexas e que solicitam maior aplicação —, as que se encontram em textos a serem tomados em sentido figurado (5-9). O recurso à crítica textual é a regra geral para se evitarem as ambigüidades. Consiste em examinar o contexto, cotejar as traduções ou recorrer ao original. Na maior parte das vezes, a ambigüidade decorre de tomar em sentido próprio ou literal o que deve ser entendido em sentido figurado (10). Uma série de princípios para a ajuda da interpretação de tais textos é apresentada. E no caso de haver pluralidade de significações, dão-se normas para a escolha do sentido exato ou do mais provável (11-29). Santo Agostinho examina a seguir uma série de regras que o donatista exegeta Ticônio propõe para a descoberta

do sentido real das Escrituras (30-37). Faz uma crítica criteriosa dessa valiosa contribuição, mas a ser adotada com cautela. Para concluir o livro, ele exalta a necessidade da oração para o entendimento das Sagradas Escrituras (37,56).

*Livro IV* — Como já foi bastante relevado, este livro final é tratado de oratória sagrada com a exposição de processos de expressão. O orador sacro poderá aproveitar-se das regras de retórica profana. Terá sempre em conta, porém, que é preciso falar mais com sabedoria do que com eloqüência. A finalidade há de ser: ensinar, deleitar e vencer (12,27). Para isso, há de se servir dos três tipos de estilo: simples, moderado e sublime, acomodando-os ao tema e ao objetivo (17,34). Apresentam-se vários exemplos tirados das Santas Escrituras, especialmente de São Paulo e dos Profetas (7 e 20). Igualmente, exemplos de doutores da Igreja, como São Cipriano e Santo Ambrósio (21). Por fim, Agostinho ensina como misturar os estilos para sustentar a atenção dos ouvintes, buscando sempre que entendam, deleitem-se e submetam-se a Deus (22-28). Sobre tudo, que o orador não se esqueça acima de tudo haver de ser homem de oração, porque só Deus dá o incremento ao que foi plantado. O verdadeiro Mestre encontra-se no interior (15,32 3 30,63). Que o pregador dê o exemplo de sua própria vida e renda graças pelo feliz êxito de sua pregação.

#### d. *O modo de composição*

Henri-Irénée Marrou, na sua fundamental obra *Saint Augustin et la fin de la culture antique*,<sup>6</sup> faz análise realista do modo de composição de nosso grande doutor da Igreja

<sup>6</sup>Ed. Boccard, Paris, 1938, pp. 6, 67, 70.



ja. Em resumo, eis algumas de suas constatações: santo Agostinho compõe mal, e não somente quanto à ordem geral, à estrutura de conjunto, que parece entrar em choque com a nossa moderna concepção da arte de compor. Por certo, ele não hesita em propor explicitamente a divisão do assunto e as distinções a serem observadas. Uma vez proposto o plano, esforça-se por mantê-lo presente ao espírito do leitor. Por vezes, faz recapitulações claras que permitem medir o caminho percorrido. Mas por outro lado, quando procura seguir as classificações propostas, perde-se em caminho. Não somente os seus desenvolvimentos faltam em clareza, mas não são metódicos. Acontece-lhe tratar ao mesmo tempo dois assuntos, entrelaçando-os em vez de separá-los. O leitor chega assim a perder-se e esquecer qual era o objetivo principal. Aí estão algumas observações apresentadas por um mestre de crítica literária. Marrou, porém, dá a seguir uma explicação psicológica do fato: dizer que Agostinho compõe mal é apenas constatar que ele não compõe como nós estamos acostumados a fazer. E por quê? Certamente, devido às exigências mais profundas e pessoais de seu gênio e de sua sensibilidade. Ele compõe dessa maneira porque possui idéias em demasia, porque essas idéias não possuem contorno bem definido, não são fáceis de serem catalogadas. São realidades vivas que brotam tumultuosas umas sobre as outras. Agostinho, entretanto, é espírito eminentemente sintético e intuitivo, para o qual todo o universo gravita em torno de uma única idéia — a idéia de Deus —, fonte de toda luz e verdade, que tudo unifica tornando-se o centro de todo o edifício construído. É de seu gênio que vem o caráter tumultuoso da composição. Daí a incapacidade radical de se submeter a contornos precisos de plano definido.

e. *Evolução de Agostinho na compreensão da Escritura*

As *Confissões* revelam-nos as primeiras reações do jovem Agostinho em face da Bíblia. Sentia-se desiludido pelo estilo vulgar e ingênuo, o qual não podia comparar-se com a grandiloquência de Cícero, estilo a que estava habituado (*Conf.* III,5,9). Dos seus 19 aos 28 anos — os nove anos em que permaneceu no maniqueísmo — teve, porém, muito contato com a Bíblia. Tal circunstância tem importância que não pode ser olvidada, se quisermos compreender as posições tomadas após a sua conversão ao catolicismo. É quando rejeita resolutamente as propostas maniqueias de pôr a verdade conquistada pela razão acima de qualquer crença aceita pela fé. E Agostinho censurará também abertamente o método errôneo maniqueu de seguir interpretação encarniçadamente literal e má-lévola do Antigo Testamento.

Santo Ambrósio, ao repetir com insistência a máxima: “A letra mata e o espírito vivifica”, contribuiu positivamente para o jovem professor de Milão aceitar o estilo alegórico e a autoridade da Igreja na interpretação das Escrituras. Agradava-lhe muito esse método empregado por Ambrósio, a exemplo de Orígenes. Além do mais, o alegorismo estava na ordem do dia entre os letrados, no plano das obras profanas. Assim, a interpretação metafórica foi valioso auxiliar de sua conversão.

Acontecia ainda que tendo ultrapassado o curto período de incertezas vivido entre os céticos do neo-academismo, Agostinho sentia a necessidade de métodos e critérios seguros em que se pudesse apoiar. Assim, ao inclinar-se à fé, o problema de um critério bíblico impôs-se com urgência.<sup>7</sup> O neoconvertido chega enfim à crença

<sup>7</sup>Cf. *A verdadeira religião*, Ed. Paulinas, 1987, caps. 24 e 25.

de que só a Igreja católica poderia lhe garantir as verdades a crer. A Bíblia apresenta-se-lhe indissoluvelmente unida ao problema da existência da Providência e da Pedagogia divina. Vê-se, assim, o lugar central da Bíblia no processo de sua conversão. Em especial, apoiou-se em são João e nas cartas paulinas.<sup>8</sup>

#### f. O grande amor pela Sagrada Escritura

Agostinho atesta de mil maneiras seu grande amor pelos Livros santos. Nas *Confissões* afirma desejar fazer deles as suas delícias: *Sint castae deliciae meae Scripturae tuae* (Conf. XI,2,3).

Toda a obra agostiniana deve à Palavra de Deus sua carne, seu sangue e a medula de seus ossos. Essa imagem, aliás, é de sua autoria. O essencial de tudo o que nos legou, a substancia mais íntima de seus escritos compostos desde seu episcopado vêm das divinas Escrituras.

De fato, com dificuldade encontrar-se-á homem que tenha sido mais profundamente penetrado pela Bíblia do que o foi Agostinho. Orígenes é o vidente erudito. Jerônimo, o sábio conhecedor das três línguas bíblicas, o exegeta de métodos científicos. Agostinho, o homem que lê a Escritura com toda a fé. Desde os dias do retiro de Cassiciaco até a sua morte, viveu “na” Bíblia.<sup>9</sup>

Ninguém, como ele, explorou tão a fundo e com tanto empenho e sutileza os profundos e obscuros recônditos da Bíblia, e nunca houve alguém que trouxesse de suas explorações tal abundância de preciosos achados. Toda a Idade Média alimentar-se-á às suas expensas, e

<sup>8</sup>Cf. Pe. Lope Cilleruelo, *San Augustin y la Biblia, Introducción general*, BAC, vol. XV, pp. 4-17.

<sup>9</sup>Cf. Van der Meer, *Saint Augustin, pasteur d'âmes*, v. II, Paris, p. 108.

os místicos de todos os tempos lhe deverão esplendidas iluminações. Temos de ressaltar ainda o lugar prodigioso da Bíblia em suas obras. Cerca de um terço delas lhe está expressamente reservado, sob forma de tratados exegeticos ou homiléticos. E nos tratados doutriniais, as citações bíblicas vêm semeadas em profusão. Numerosas são as coletâneas feitas dessas citações. A resenha de De Lagarde, da Universidade de Gottingen, conta 42.816 citações, sendo 13.276 do Antigo Testamento e 29.540 do Novo.<sup>10</sup>

#### g. Os trabalhos exegeticos

Eis o elenco das obras exegeticas de santo Agostinho:<sup>11</sup>

##### A) Teoria da exegese

- *A doutrina cristã*, em quatro livros.

##### B) Comentários sobre o Antigo Testamento

Três comentários sobre o Gênesis:

- *De Genesi contra manichaeos*, dois livros: No sentido alegórico.
- *De Genesi ad litteram, liber imperfectus*, um livro incompleto.
- *De Genesi ad litteram*, doze livros. No sentido literal.

E os três últimos livros de *Confissões*, em interpretação alegórica.

<sup>10</sup>Cf. Fr. Amador del Fueyo, *Introducción*, Homilias, BAC X, p. XXIII.

<sup>11</sup>Cf. Portalié, “S. Augustin”, in *Diction. De théologie catholique*, cols. 2300-2302.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

